



O Pregão de S. Nicolau

Recitado no dia 5 de Dezembro
de 1972 pelo estudante do 6.º Ano
do Liceu Nacional de Guimarães

*Sinon Archanjo Cróccia
Monteiro de Carvalho*

A' Academia Vimaranesse,
de tão galhardas tradições,
dedico, ofereço e consagro
— recordando os bons tempos
em que também fui zabum-
beiro, como estudante do
Liceu de Santa Clara.

Pregão Nicolino

Jdes ouvir, ó multidões de ilotas,
Mais um «pregão», que foi encomendado
Como quem encomenda um par de botas...
E se não dei bem conta do recado,
Sabei-me perdoar, porque em valor
O pregoeiro salvará o autor.
— Pois, em verdade, para ser verdadeiro,
Eu, nisto de «pregões», sou sapateiro.

* * *

Como já bem sabeis, a Lei da Imprensa
Saiu, e talvez possa dar à treta
Com liberdade, pois assim se pensa,
Quem escrever, qualquer bicho-careta.
Porém, analisado o documento,
Chega-se à conclusão (saiba o leitor)
De que é muito mais duro o regimento
E que a imprensa ficou muito pior.
Por isso, que tivemos entre nós
(Talvez por termos oradores à míngua)
O Sá Carneiro a erguer a sua voz.
E não tendo sequer papas na língua.
E isto aqui p'ra nós: a bem dizer,
É assim que um deputado deve ser.

E agora um migalhinho me concentro
P'ra vos dizer que há muito neste mundo
Quem simplesmente fale para dentro.
E quem assim fizer, é fugir dele,
Pois como muito bem diz o rifão,
Quem não quiser ser lobo — e com razão —
Que não lhe vista a pele.

* * *

Quero dizer agora, do mais fundo,
Que o que mais preocupa um fabiano
É ver que a vida de ano para ano
Aumenta no seu custo. Um desaforo!
E já não há milhões de libras de ouro
Com as quais nós possamos enfrentar
A carestia, que cresce sem cessar.

E todavia a vida que se vê,
Larga, cheia de carros, aos magotes,
Faz-nos acreditar, faz-nos ter fé
De que tudo caminha em mar de rosas.
Ilusões é que são bem desastrosas:
Pois a vida que vemos, opulenta,
Por toda a parte, unicamente assenta
Em letras de favor, ou em calotes...

Devemos ser sinceros, sermos francos:
Para que um luxo desses possa haver,
Fecham-se os botequins, abrem-se Bancos.
E assim, em qualquer terra pequenina,
Com bons olhos de ver, pode-se ver
Um Banco, e mais um Banco em cada esquina.

Ai pobre Guimarães, ai sorte negra!
Em tal, também tu não fugiste à regra
E contas com um Banco em cada viela!
Como «casas de prego», são vorazes
E não há juro, por demais, capazes
Que possam saciar-lhes a moela.

É com saudade imensa que lembramos
O formoso «Café Oriental»
Onde outrora sonhamos e abancamos!
Mas tudo isso que era bom, e que era
Mundo de céu azul e de quimera,
Tudo isso a imensa lava banqueira!
Para sempre abafou e sepultou!

E cabe aqui dizer, muito a preceito:
«Tudo o vento levou»...

Mas sem desilusões, seguindo a eito,
Pois de nada adiantam aflições,
Sabeis que foi este ano celebrado
E com grande fragor, por todo o lado,
O quarto centenário de Camões.

E também em matéria de progresso,
O nosso povo a todos passa a perna;
P'ra trás, só usa a burra um tal processo:
E, como nas nações mais avançadas,
Por ambição — que é uma doença eterna —
São as casas bancárias assaltadas.

E já a Universidade — como outrora
Que era um mundo pacífico de estudo —
Não é mundo de paz, sempre que calha;
Pois como noutros povos, à compita,
Ela se torna em campo de batalha,
E protesta, e se alteia, e ela se agita
Em luta em que parece valer tudo...

E por falar em luta, vamos lá,
Nestes tempos em que anda tudo torto,
Deve dizer-se: futebol não há,
E o que digo é verdade consagrada,
Que o futebol deixou de ser desporto,
Para ser uma escola de lambada.

* * *

Triunfais, divinais, de meias roxas,
Exibem as mulheres as suas coxas
Num desaforo incrível, divinais.
E se a Moda lhes desse o último grito,
E as mandasse despir — eu acredito —
Elas nos mostrariam muito mais.

Também, já agora, por falar em moda,
Anda por aí muita cabeça à roda
Com melenas porquíssimas e feias.
Aumentam os «peludos», mais os pêlos.
Porém, enquanto crescem os cabelos,
Não crescem, nem fulguram as ideias.

Em poesia praticam-se charadas
Que até fariam rir, às gargalhadas,
Um mandarim qualquer, ou um rajá.
E é um primor a nossa educação.
Pois em matéria de convívio, então,
A linguagem se reduz ao «pá».

Neste ideal país de idealistas,
E cuja história vai durar milénios,
Onde há estadistas que são génios,
E génios que não chegam a estadistas,
Nós vemos que nem tudo corre bem
E por isso há borrasca, aqui e além;

Se o Governo (que é bom) nos coça o pêlo,
Não é por mal, e dá-nos p'ra consolo
E p'ra alívio de tantas aflições,
Os sorrisos amáveis de Marcelo,
E se este o faz assim, não é por dolo,
Pois é homem de boas intenções.

Tal como o feito em França e Aragança,
Comemorou-se o dia da Poupança
Com cartazes em grande profusão;
E em verdade devemos confessar
Que gostaria o povo de poupar,
Mas o que acha no bolso é só cotão.

Disseram as notícias que na América
Venceu Nixon, de novo, em luta homérica
Por votação que lhe foi dada a esmo.
E como cá e lá más fadas há,
E' processada a coisa como cá,
E que é: virar o disco, e toca o mesmo...

Todos vós deveis tomar ciência
Que entre nós está longe a Providência
De alcandorar-se a uma importância séria;
Todos os dias há reclamações,
E o dinheiro que dá, ou as pensões.
Constituem autêntica miséria.

Também o vírus da anarquia entrou
Na Igreja; e a grande barca vacilou,
Pois são vários os ventos e contrários;
P'ra onde irá a barca, se ao timão
Porventura lançarem férrea mão
Os «padres-operários»?

E sabemos que reina um movimento
De padres que são contra o celibato.
Por nós, não há qualquer impedimento,
O que seria até um desacato;
E não pareça a alguém sermos ateus,
Mas sabendo que os tempos vão mudados,
E p'ra melhor cumprida a lei de Deus,
Em breve os vereis, vós, todos casados.

Voltando a Guimarães: a porcaria
E' uma instituição nacional;
Por consequência, não faria mal
Limpar-se a Rua de Santa Maria:
Como se sabe, somos visitados,
Passam por lá bastantes estrangeiros,
E poderão ficar atordoados,
Com tanta porcaria, ou com tais cheiros.

Sabemos que é activo o Presidente
E dentro do possível diligente,
Com vontade de bem servir o Povo;
Mas sofremos o mór dos desenganos,
Por ver que só daqui a dois mil anos
Terá a «Cambra» um edificio novo!

Mas não desanimar. E a maçoneta
Empunha vigorosa, como atleta,
Ó mocidade, em triunfais ribombos!
Que o teu hercúleo gesto deixe fama,
Sempre por Guimarães, a tua dama,
E esfolo bem a pele desses bombos!

Novembro de 72.

A. Garibaldi.